

Não conseguia parar de chorar, mesmo quando seu taxi parou em frente ao aeroporto. Suas costas ainda tinham os arranhões apaixonados deixados pelo último sexo antes da horrível briga. Seu coração ainda dilacerado pelo adeus torto, farpado, que disseram. Tinha os cabelos caídos sobre o rosto, para não olhar nos olhos de ninguém. Estava despencando do céu carioca onde vivera nos últimos tempos. Estavam, pensava. Ou talvez não houvesse mais um plural. Eram aves perdidas agora. Seu vôo fora interrompido. Foram do céu ao chão seco, como um avião em queda desastrosa, em um amanhecer trágico. E agora, para seu desespero, se via indo embora da cidade que fora palco da sua paixão por Ela. As mãos trêmulas se confundiam com as alças das bolsas enquanto ela estendia as três notas para o motorista. Sentia-se perdida num trânsito confuso entre o paraíso o vazio. E, em meio a tudo isso, agora ela teria que pegar o avião, e ir embora. Respirou fundo, quase engasgou-se com a tristeza e saiu do taxi.

Não tinha certeza de ter dado a quantia certa em dinheiro para o taxista. Não se importava. Nada importava. Caminhava sem sentir o chão, sem ver as pessoas, meio hipnotizada em seu sonho ruim de partida. O ruído das turbinas que preenchia o aeroporto Santos Dummont naquela manhã era aveludado e estranho, qual veludo mofado, em seus ouvidos entorpecidos de saudade e confusão. Agora que o laço que as unia parecia se afrouxar e soltar violentamente, agora que elas não estavam mais juntas, ela não estava mais em lugar algum...

Tentou enxugar as lágrimas enquanto empurrava o carrinho com pouca bagagem e muitas lembranças. As pessoas olhavam para ela com curiosidade e espanto. Todo mundo já chorou nesta vida, pensava ela, mas mesmo assim alguns parecem ainda se assustar com isso. As pessoas ditas normais são mesmo as mais loucas. Elas não enxergam a si mesmas, e se assustam com a humanidade dos outros. Sentia-se acuada pelos olhares, sem forças, mas seguia com seus passos pequenos até a entrada do saguão de embarque.

Lutou para se recompor, com mais sucesso desta vez, quando chegou a sua vez na fila de embarque. Não havia bagagem a despachar. Carregaria suas coisas nas mãos, como carregava toda a histórias delas duas no coração. Com a anuência de um fiscal de embarque, que a fitava cheio de distanciada e calculada simpatia, embarcou no avião.

Os ruídos do interior de uma aeronave são quase um silêncio. São sons como os que devem ouvir os bebês nas barrigas de suas mães. Aboletada em sua cadeira à janela do avião, ela quase sentia-se confortável e aconchegada. Seu coração ainda pesado batia devagar e ela observava pela janela a movimentação da pista. Não chorava e não sorria naquele útero de metal. Apenas ouvia, absorvida pelo vazio, os ruídos de seus companheiros de gestação aérea, e fitava a janela. E se ela, aquela que ela amava, estivesse no aeroporto agora procurando por ela para pedir perdão e declarar seu amor? Seu coração disparou com este pensamento. Arrepiou-se. Grudou os olhos na janela do avião, apertando os braços da cadeira com as unhas roídas, como que pedindo para o avião esperar mais um pouco antes de decolar.

Seus olhos vasculhavam agora, frenéticos, as janelas do aeroporto distante. Entre as crianças que acenavam, entre as mulheres e homens que observavam, procurava pela figura morena e miúda da amada que deixava sem querer deixar, com o coração partido. Por vezes acreditava esperançosa vê-la em algum rosto que logo percebia, não ser o dela. Chegou a acenar uma ou duas vezes para um ou dois destes insuspeitos enganos. Seu coração começava a acelerar na ansiedade humana e ridícula de que poderia estar agora mesmo sendo observada pela mulher que amava. Com o tempo, apercebeu-se que mesmo que Ela estivesse lá fora, não a veria dentro do avião. Sentiu-se então desprovida de qualquer esperança e murchou na cadeira, entorpecida e cansada demais. Deixou-se levar embora dentro daquele útero de metal.

O avião começou a se mover. A trepidação e o ruído das turbinas que se ligavam arrancou-a de seu transe desesperançoso. Por um segundo esteve a beira de gritar para que aquele avião parasse, para que ela pudesse descer e procurar sua amada. Algo dentro dela a conteve e a fez sentir-se ridícula. É claro que ela não estaria lá embaixo. Não depois daquela briga. Não depois das coisas que foram ditas. Não depois da forma como ela fora embora daquela casa no Jardim Botânico, chorando no taxi e despencando de seu sonho, mas irresoluta em não voltar atrás. Toda a resolução se dissolvia frente a esperança de ver novamente sua amada. E foi então nesta angústia silenciosa que ela foi impelida aos céus dentro daquela ave metálica prenhe de vidas como as dela, ou completamente diferentes, rumo à sua cidade solitária.

Maria estava anestesiada enquanto caminhava da porta do taxi até a sua casa. Descera do avião e pegara um táxi para casa em completa ausência, abraçada pelo silêncio dominical seco de Brasília. Repassara na cabeça durante toda a viagem a história de amor que tivera com aquela mulher menina que lhe fora tão familiar e estranha ao mesmo tempo. Ligara quase que automaticamente o seu celular pouco antes de abrir a porta. Quando o celular emitiu o sinal de mensagem de voz recebida, foi um dos sons mais belos que ela já havia ouvido em sua vida. Por segundos, enquanto apertava nervosa os botões do aparelho para ouvir a mensagem, ela teve esperança de que o seu destino mudasse. Mas tratava-se apenas de um amigo perguntando se ela já chegara à cidade. Como a vida podia ser cruel em suas brincadeiras!

Já era tarde da noite quando o celular tocou. Maria estivera, desde que chegara a seu pequeno apartamento, sentada à janela fitando, vazia, a rua igualmente vazia. Suas valises jogadas sobre a cama, cobertas pela roupa com a qual viajara. Os cigarros se amontoavam no cinzeiro e as lágrimas secavam em seus olhos e seios nus. A vida de Maria parecia terrivelmente vazia, quando o som eletrônico de seu celular cortou a noite. Pulou, como uma gata, sobre o aparelho que a chamava de cima da cama. Atendeu a chamada deitada sobre a bagunça, respirando em haustos. Do outro lado a voz era familiar, muito familiar. Ela dizia "Eu estava lá no aeroporto acenando para você, rezando para que você por algum motivo descesse daquele avião... Volta!"

Depois de desligar o telefone, Maria foi até a janela, nua como estava, sem se importar com mais nada no mundo, e acenou para o céu. Acenou para as estrelas como se acenasse de volta para sua amada. Mesmo ainda a sangrar pelas dores do dia, da vida, seu coração batia forte. Assim são as coisas do amor.

Lá, em algum lugar na rua, eu observava, perdido em meus pensamentos, aquela moça bonita e nua acenando para o céu. Quando a vi daquele jeito, envolta apenas na noite e em seu sorriso, imaginei para ela uma história bela e triste que na verdade era minha. Nunca soube qual era a história dela, mas a história que eu imaginei, acabei de contar. De um jeito ou de outro, em algum lugar na minha memória, junto com a minha história, aquela moça continua naquela janela a acenar para um dia melhor.